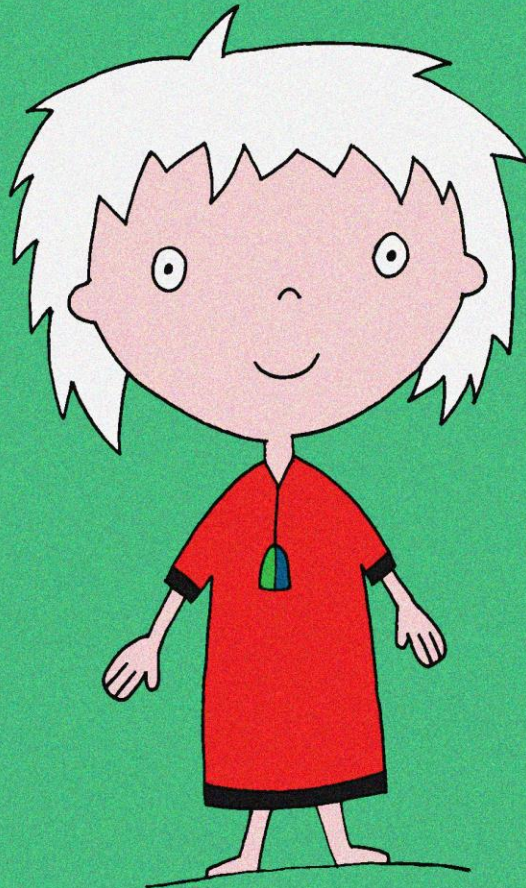


O DESCOBRIDOR DE MUNDOS



Ilustrações: Instituto Elo

Projeto gráfico e diagramação: Marcos Braga

C736

O descobridor de mundos.

Autor: Alexandre Compart. Belo Horizonte: Instituto Elo, 2015.

20p. (Série Cidadania para Crianças)

ISBN: 978-85-63077-10-13

COMPART, Alexandre. O descobridor de mundos. Belo Horizonte: Instituto Elo, 2015. 20p. ISBN: 978-85-63077-10-13

© 2015, O autor

© 2015, Instituto Elo

É autorizada a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio digital, desde que citada a fonte. Para reprodução impressa integral da obra, de modo gratuito, é necessário encaminhar solicitação, via e-mail, para a editora.

INSTITUTO ELO

Diretoria Executiva

Diretor-Presidente: Gleiber Gomes de Oliveira

Diretor Institucional: Alexandre Compart

Diretor de Pesquisa e Desenvolvimento Técnico: Fabiano Neves

Diretora de Recursos Humanos: Rafaela Carvalho Neves Graziotti

Avenida Augusto de Lima, 2094 | Barro Preto

Belo Horizonte | Minas Gerais | Brasil

CEP: 30190-003 | Tel.: +55 31 3237-1000

www.institutoelo.org.br

publicacoes@institutoelo.org.br

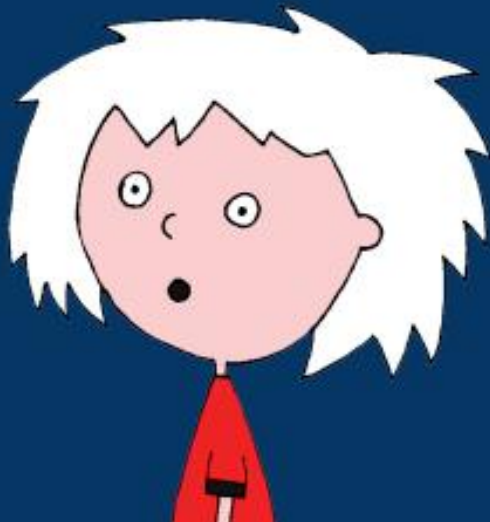
SOBRE A COLEÇÃO

O projeto Cidadania para Crianças propõe a publicação de livros infantis que trabalham temáticas ligadas à cidadania. Os livros da série trazem invariavelmente elementos próximos da realidade de vida das crianças leitoras.

Cada um deles procura explorar sua respectiva temática sempre com o cuidado de não se limitar ao didático, mas de, principalmente, proporcionar prazer às crianças leitoras.



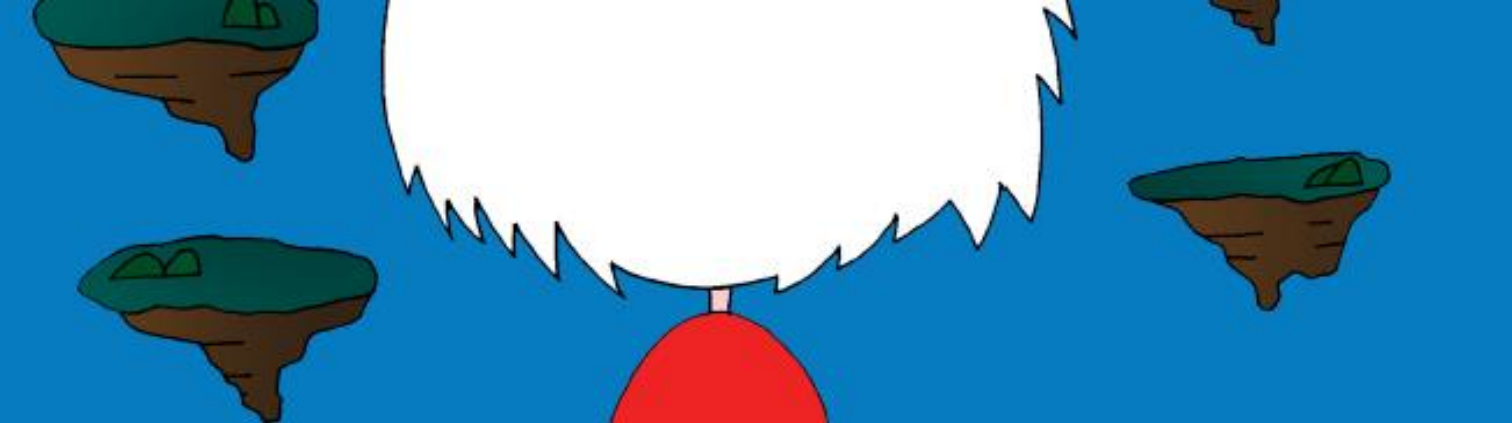
Enquanto o sol nascia Eli acordou. Mesmo de olhos fechados, percebeu que havia algo diferente. Pensou que poderia estar sonhando. Mas não parecia ser um sonho. Sentiu então um vento forte soprar. Definitivamente, concluiu, não estava em seu quarto. Não estava em sua aldeia. Lentamente abriu os olhos e viu o céu, já claro. Eli então sentou e olhou ao redor. Não reconheceu aquele lugar. Estava entre arbustos e pedras. Parecia estar no alto de alguma montanha. Mas não havia montanhas tão altas em seu pequeno mundo. Eli voltou então seus olhos para o horizonte. Estava realmente no alto de uma grande montanha. Daquele lugar conseguia ver muito mais mundos, flutuando no céu por todos os lados, do que jamais tinha conseguido. Era linda a vista, pensou, mas rapidamente voltou a ficar preocupado. O que teria acontecido? Por que não estava em casa? Que lugar era aquele? Eli então olhou para cima. E bem lá no alto, muitos e muitos metros acima de sua cabeça, reconheceu seu lindo mundo, uma pequenina ilha flutuando tranquila entre as nuvens. Eli havia caído, agora tinha certeza. E não havia como gritar e pedir por ajuda. Lá de cima, nunca o escutariam. Também não poderiam vê-lo. O mundo onde estava agora ficava exatamente embaixo do seu e ninguém se arriscaria a chegar tão perto de sua borda. Talvez, por isso, nunca tinha ouvido falar dele. Certamente ninguém também imaginaria que isso pudesse ter acontecido com Eli. E assim não poderiam encontrá-lo.



Eli respirou fundo. Precisava se lembrar o que havia acontecido. E quando já estava ficando tonto de tanto tentar recordar... como um raio, todas as lembranças do dia anterior retornaram para Eli.

- Sim!!! Agora eu me lembro de tudo. De saber... de correr... e... de cair.

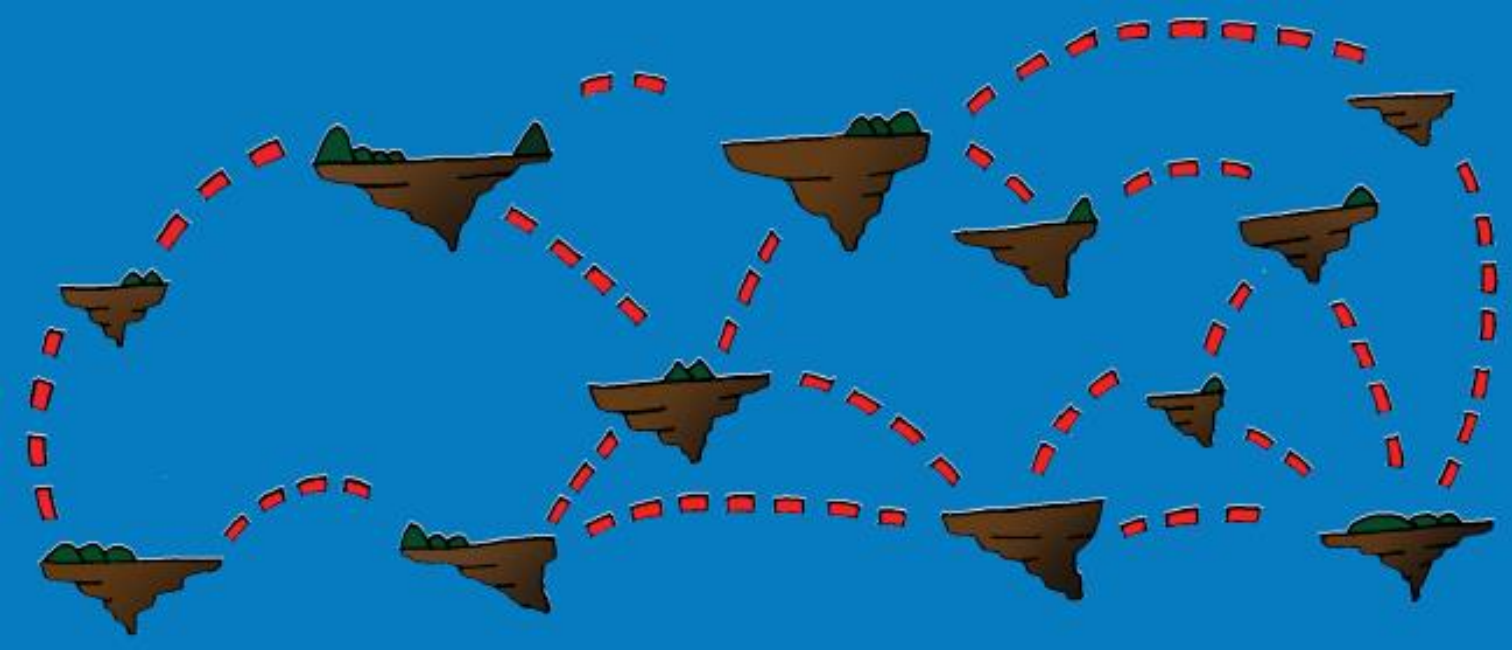
O dia anterior tinha sido um dia muito difícil e confuso para Eli. Em sua aldeia havia dois grandes grupos, as Araras Listradas e as Corujas Verdes. Todos viviam juntos e formavam uma única aldeia. Assim que uma criança nascia era logo identificada como sendo de um dos grupos. Na verdade, às vezes não era tão fácil saber, mas na aldeia de Eli todos achavam que era preciso decidir rápido, a que grupo a criança pertenceria. E desde muito pequenas as Araras eram ensinadas a pensar, a se comportar e a se vestir como Araras e as Corujas como Corujas. Eli sempre viveu como uma Arara Listrada. Mas naquele dia, tendo desconfiado por muito tempo, descobriu que não era bem assim. Apesar de se vestir e viver durante toda sua curta vida como uma Arara, Eli descobriu que sem os enfeites listrados que sempre usava em seu pescoço e sem as roupas que toda Arara Listrada usava, não era igualzinho às outras Araras. Também, assim, não era igualzinho às Corujas Verdes. Parecia um pouco com as crianças dos dois grupos. Eli não sabia o que fazer. Ficou confuso e angustiado... e chorou. Queria fugir. Desaparecer talvez. E então, sem pensar, correu sem rumo... e quando já havia escurecido continuou correndo, sem nada enxergar pela frente. E perdeu a noção do tempo. Esqueceu que seu mundo era, na verdade, uma pequena ilha flutuando no ar... e que poderia cair de lá. E foi o que aconteceu. Por sorte, caiu no alto daquela montanha, no mundo que ficava logo em embaixo do seu. E estava bem.



Agora, sozinho e longe de sua aldeia, no alto daquela montanha, Eli se sentia ainda mais perdido do que no dia anterior. Certamente, pensou, fugir correndo assim não tinha sido uma boa ideia. Deveria ter conversado com seus pais sobre não ser exatamente como as outras crianças, Araras Listradas ou Corujas Verdes. Para tentar entender melhor seu lugar no mundo. Queria voltar. Mas ao mesmo tempo, não tinha mais certeza se haveria lugar em sua aldeia para alguém que talvez não fosse exatamente uma Arara Listrada ou uma Coruja Verde. Pensou algum tempo e então se lembrou de tantas coisas boas que havia visto, vivido e sentido em sua terra, que decidiu voltar. Mas como, se não havia como subir dali onde estava até seu pequeno mundo?

Eli mirou então mais uma vez o horizonte, onde suspensas no ar, flutuavam, como que por mágica, aquelas centenas de ilhas que se espalhavam por todos os lados, abaixo e acima, entre as nuvens. De tamanhos e em alturas diferentes alguns daqueles pequenos mundos chegavam quase a se tocar de tão próximos. Eli, de sua aldeia, os observava todos os dias. Adorava ver como lentamente se moviam e isso sempre o deixava maravilhado. Todos eram habitados, diziam as lendas antigas, sempre contadas em forma de música para as crianças da aldeia de Eli, antes delas dormirem e nos dias de festa. Diziam também essas lendas que cada mundo era de um jeito, mas que no fundo, todos eram na verdade um único mundo. Mas ninguém na sua aldeia conhecia outros mundos. Eli, tendo caído naquele, era o primeiro a conhecer um mundo novo. Diziam que seria muito perigoso. E que o caminho de volta em qualquer viagem é sempre o mais difícil, mesmo alguns mundos estando tão próximo que era possível com um pequeno salto alcançar. E veio então à sua memória, uma antiga canção que Eli ouvia desde muito pequeno. E a cantarolou bem baixinho:

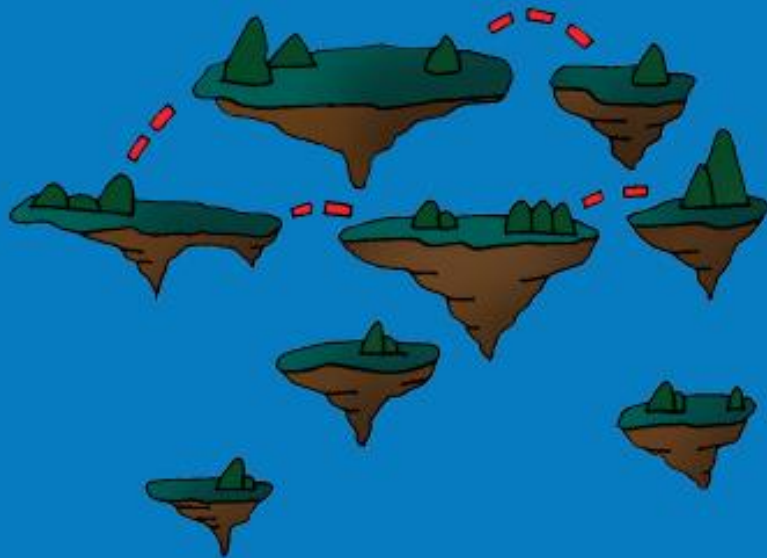
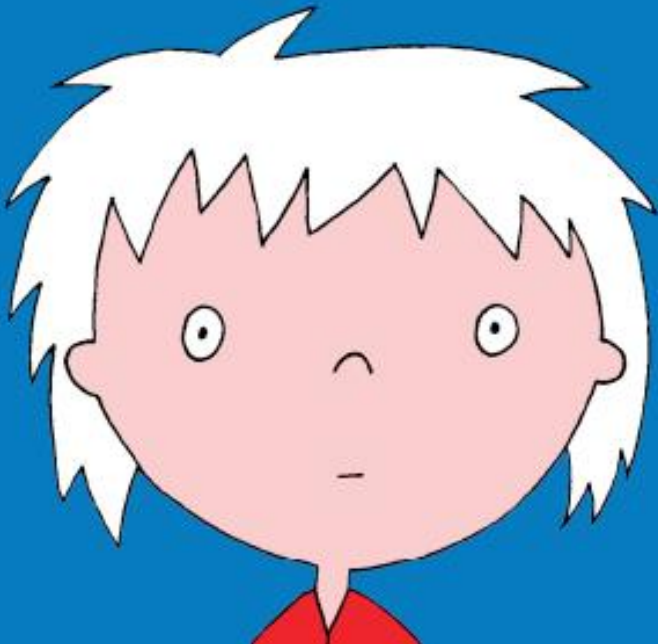
- O mundo aqui e os mundos de lá. Esta ilha aqui e as ilhas de acolá. Não são tão diferentes... são o mesmo lugar. As pessoas daqui e as pessoas de lá... as crianças daqui e as crianças de acolá. Não são diferentes... são todas iguais...



Lembrando de tudo isso, Eli percebeu que poderia haver uma chance de voltar para casa. Seria como atravessar um labirinto, só que saltando de um mundo para o outro. Se escolhesse corretamente os mundos pelos quais passaria, talvez naquele mesmo dia conseguisse voltar para sua aldeia. Era preciso somente encontrar o caminho certo. Eli pensou nos perigos que poderia correr nesses lugares desconhecidos. Sabia que seria arriscado. Não conhecia quem neles morava, como eram as pessoas ou como o receberiam. Mas não havia alternativa. Eli não tinha certeza se seu plano daria certo, mas precisava seguir, não podia ficar parado no alto daquela montanha.

- Preciso aproveitar que estou aqui, pois do alto dessa montanha posso ver todos os mundos próximos a este e tentar descobrir se os próximos podem me levar a outros e a um último que esteja tão próximo do meu que seja possível também saltar e enfim chegar em casa – disse para si mesmo.

Eli subiu no ponto mais alto que havia ali e começou então a observar os caminhos possíveis que poderiam levá-lo de volta ao seu mundo.



Era preciso observar com muito cuidado para decidir o caminho correto. Talvez, somente um caminho, entre uma infinidade de alternativas, pudesse levá-lo de volta. Tentou vários, usando sua imaginação. Tantos que até perdeu a conta. E quando já estava desanimando, percebeu que talvez o caminho fosse bem mais curto do que ele tinha inicialmente pensado. Percorreu este caminho mentalmente uma, duas... dez vezes.

- Como não percebi antes! - gritou Eli, comemorando - Não será preciso passar por tantos mundos. Passando por somente mais três eu chegarei até o meu. A cada novo mundo que eu alcançar, vou me aproximar mais. E alcançarei a altura certa para dar o ultimo salto e enfim voltar pra casa. Mas primeiro preciso descer esta montanha e chegar bem na borda deste mundo, onde ele está tão próximo do seguinte que com um salto conseguirei chegar até ele.

Mas logo depois de dizer isso, quando se preparava para descer, lembrou preocupado de um detalhe do qual não havia se dado conta ainda:

- Se as lendas dizem a verdade... se todos os mundos são habitados... esse também deve ser.

Mas não havia alternativa. Eli precisava atravessar aquele pequeno mundo para chegar até o ponto exato para a travessia. Mas... e se encontrasse no caminho algum habitante?

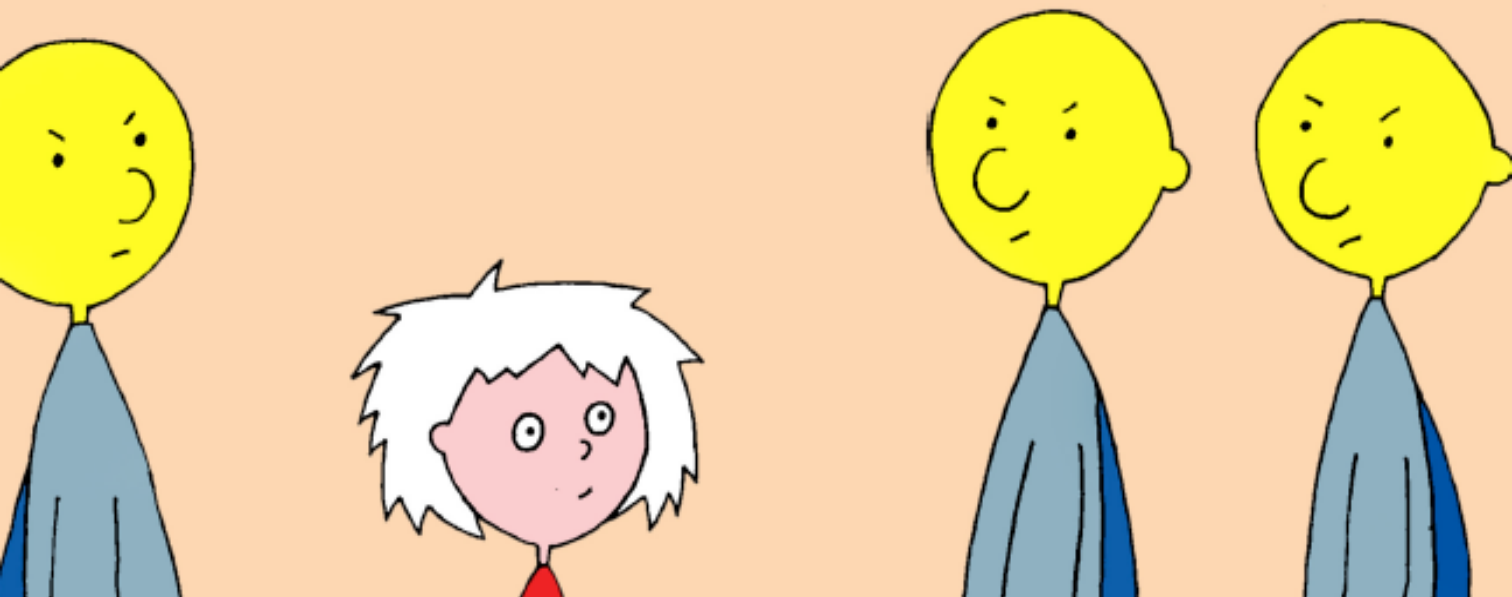


Em silêncio e com muito cuidado, Eli começou a descer a encosta da montanha. E enquanto descia, observava atentamente a paisagem. Aquele mundo era muito diferente do seu. Em vez de árvores, formando uma densa floresta que cobria quase tudo, como no seu mundo, ali havia somente pedras e alguns poucos arbustos. Como no alto da montanha. E não havia um único pássaro colorindo o céu, como os muitos que havia em seu mundo.

Mas se até esse momento este mundo não parecia ser habitado, quando Eli se aproximou do sopé da montanha, viu que havia uma grande aldeia não muito distante de onde estava. Com receio do modo como poderia ser recebido, Eli tentou encontrar uma forma de não passar pela aldeia. Mas não havia jeito. Seguir pela estrada que passava entre as casas parecia ser o único caminho. Era preciso coragem. Eli teve então um pensamento que o animou um pouco:

- E se esta aldeia ou alguma outra nos mundos pelos quais eu vou passar for habitada não por Araras Listradas ou Corujas Verdes? E se forem os habitantes todos como eu? Este, de repente, poderia ser meu lugar no mundo! Meu mundo de verdade! E eu poderia até ficar aqui! - Falou Eli para si mesmo.

Enquanto dizia isso e ia se aproximando das casas, uma multidão foi se formando em volta de Eli.



Eli então notou, naquele momento, olhando as pessoas que se reuniam a sua volta, uma coisa que o deixou surpreso.

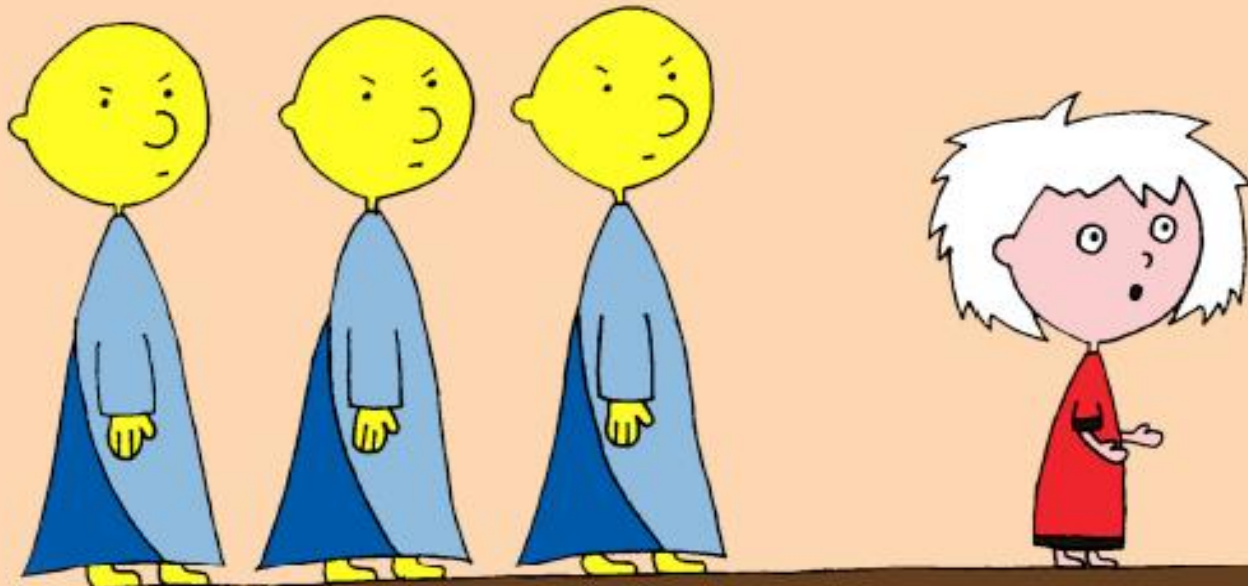
- São todos iguais! Não é como no meu mundo onde somos Araras ou Corujas! - pensou alto Eli.

E eram mesmo. Iguazinhos. Todos carecas e com todo o corpo pintado com tinta amarela. E estavam vestidos exatamente do mesmo modo, com grandes mantas azuis exatamente iguais. E... pareciam também fazer tudo exatamente do mesmo modo. Até o jeito de andar era igual. Observavam Eli de cima a baixo. E então, disseram todos ao mesmo tempo, como se tivessem ensaiado:

- Olhem! Deve ser um monstro. Não é como nós. E se não é exatamente como nós, só pode ser um monstro!

Eli começou a tremer de medo quando ouviu aquelas palavras. Um monstro - pensou aflito - como podem achar que eu sou um monstro? E gritou bem alto:

- Eu não sou um monstro!!



Ouvindo aquele grito, todos juntos tamparam os ouvidos com as mãos e disseram em coro:

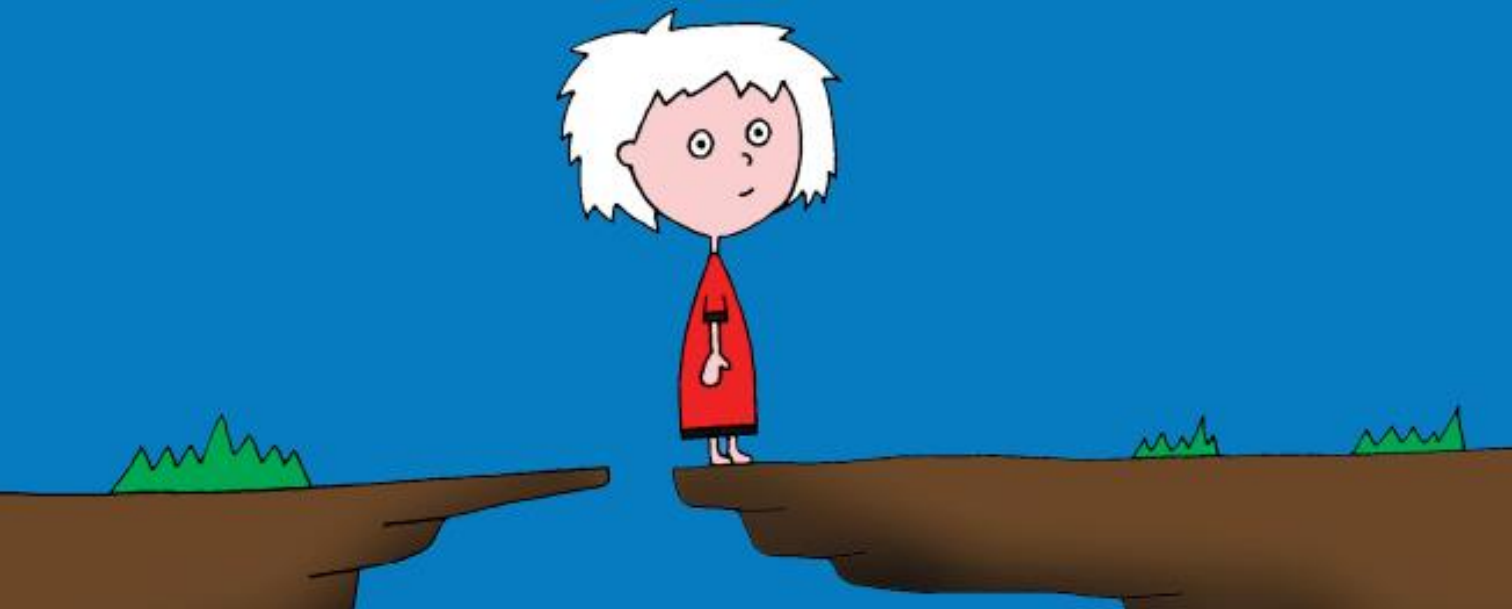
- Você ouviram?! Sua voz também é diferente da nossa. Só pode ser um monstro!!

Eli pensou ainda, por alguns instantes, que podia explicar a eles que não era um monstro e que tinha caído ali do mundo que estava logo acima daquele. Mas a cada palavra que Eli tentava dizer, eles repetiam juntos e mais alto:

- Monstro!! Monstro!! Monstro!!

Não havia o que fazer, pensou Eli já desesperado quando eles, todos juntos mais uma vez, com expressões ameaçadoras idênticas nos rostos, começaram a se aproximar ainda mais. Precisava fugir dali. Aquele não era um lugar seguro. Ali não era seu lugar.

Por sorte, quando Eli começou a correr e passar pela multidão, todos ao mesmo tempo resolveram seguir pelo mesmo ponto, entre eles, por onde Eli havia passado... e o resultado foi uma grande confusão, com uns caindo sobre os outros. Com isso, Eli conseguiu se distanciar e correu tão rápido que em poucos minutos conseguiu chegar ao lugar onde aquele mundo se aproximava do próximo. Como tinha previsto, era possível com um pequeno salto atravessar de um para o outro. E foi o que Eli fez.



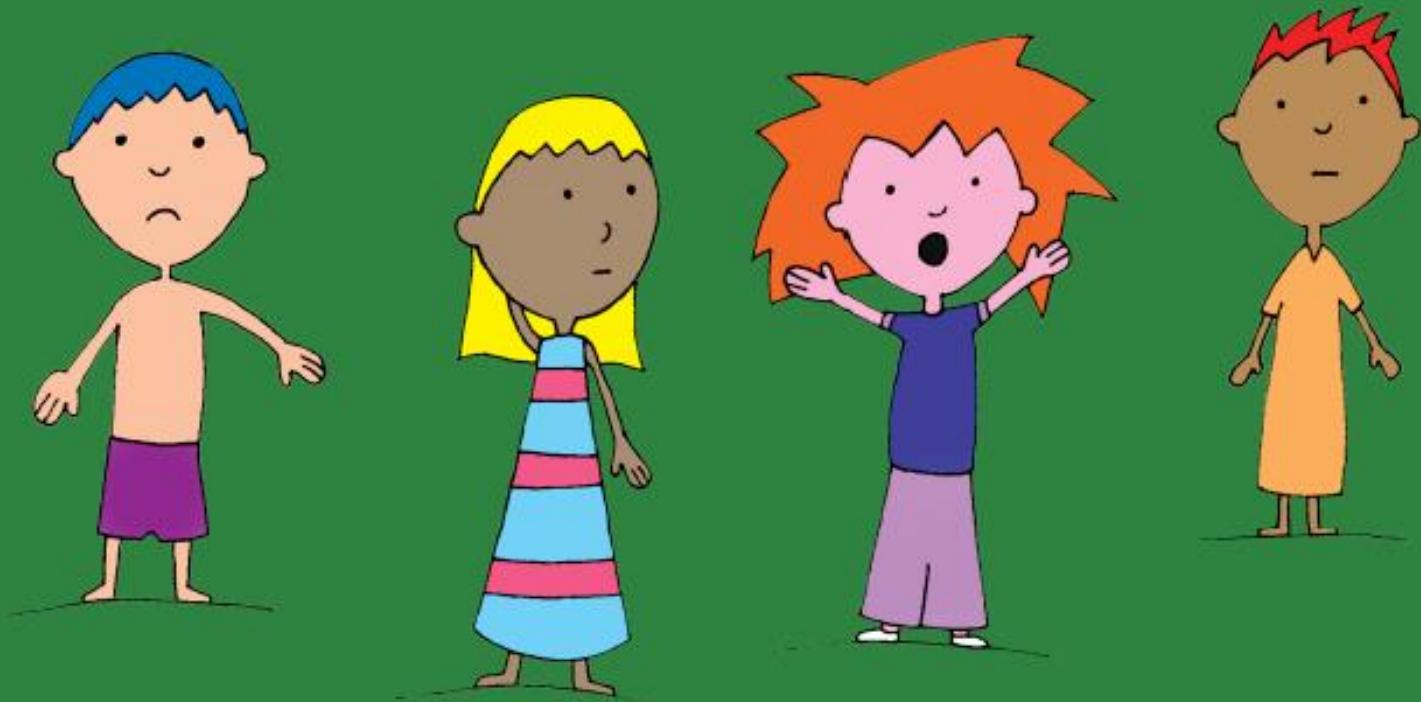
Começando a caminhar por este novo mundo, que até se parecia um pouco com o seu, com árvores por todos os lados e pássaros que coloriam o céu, Eli logo avistou os primeiros habitantes. Muito diferente do mundo anterior, neste as pessoas eram todas muito diferentes. Cada uma se vestia de um jeito. E, engraçado, achou Eli em um primeiro momento, andavam e falavam de modo muito diferente também. Cada pessoa de um jeito. Algumas andavam aos saltos, outras engatinhavam e outras ainda andavam com as mãos, como nas brincadeiras em que Eli se divertia muito em sua aldeia. Mas era estranho, não pareciam se entender muito bem.

- Olá! - disse Eli assim que se aproximou de uma criança que deveria ter a sua idade e estava com o corpo inteiro pintado com estrelas brancas.

Mas foi como se Eli não tivesse dito nada ou nem estivesse ali. Aquela criança sequer olhou em sua direção. Eli caminhou mais alguns passos e tentou novamente.

- Olá!.. Meu nome é Eli!..

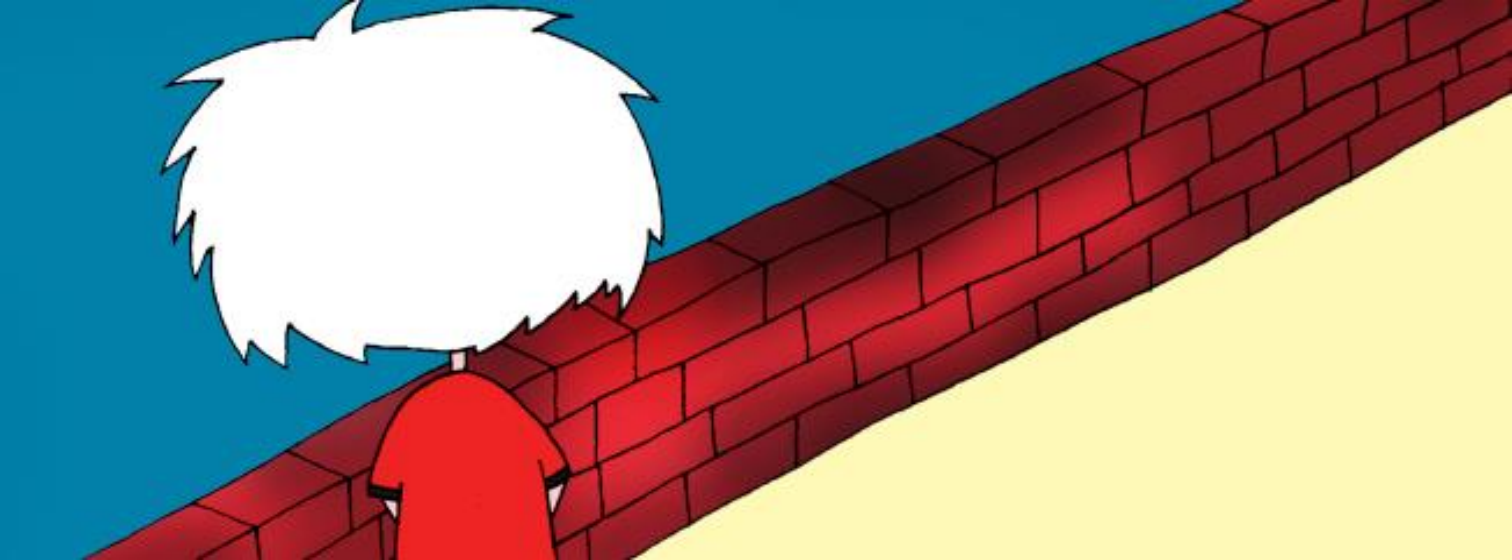
Mas para aquela criança Eli parecia ser invisível. Que coisa estranha. Parecem não me ver, pensou. E enquanto caminhava via mais e mais pessoas, que nem sequer davam por sua presença. E começou a observar, atento, procurando entender pelo menos um pouco, aquele mundo.



E Eli logo compreendeu o que acontecia naquele lugar. Eli era invisível para eles, mas de um modo diferente. Todos ali enxergavam muito bem. Tanto que não esbarravam uns nos outros nem davam trombadas em pedras e árvores enquanto andavam. Também podiam ouvir direitinho. E falar também, mas cada um fazia isso do seu jeito.

- É isso!! - Eli disse alto. As pessoas aqui não se importam nem um pouco umas com as outras. Por isso não se preocupam em ser ouvidas ou com o modo como se vestem ou falam. Não querem saber o que as outras pensam e simplesmente não se importam com o que fazem ou deixam de fazer. Por isso, não conversam, se divertem juntas ou parecem fazer amigos.

Definitivamente, pensou Eli, neste lugar eu não seria feliz. E continuou seu caminho naquele mundo, se sentindo ainda mais sozinho, mesmo que cercado por tantas pessoas, até o ponto em que pôde dar mais um salto e chegar ao mundo seguinte.



Neste terceiro mundo havia algo muito curioso que Eli notou antes mesmo de ter saltado. Este pequeno lugar era dividido em faixas, cada uma de uma cor, por longos muros, que já começavam bem ali, onde Eli estava agora, e seguiam em linha reta até o outro lado. Em cada uma dessas faixas de terra tudo que Eli podia ver tinha a mesma cor. Árvores, pedras, arbustos... até o chão. Havia uma faixa onde tudo era amarelo, outra onde tudo era azul, outra onde tudo era vermelho... e outras ainda, de várias cores.

- Que mundo engraçado é esse onde estou agora! - murmurou Eli para si mesmo - Tudo dividido e separado por muros e cada parte tem somente uma cor. E esses muros nem são tão altos. Posso até saltá-los sem nem usar as mãos.

Eli precisava tomar uma decisão antes de prosseguir. Pela faixa de qual cor ele seguiria? Depois de pensar alguns instantes, decidiu seguir pela amarela, mesmo não tendo nenhum motivo, em especial, para ter escolhido esta. E depois de andar por alguns minutos, já cansado por ver só a cor amarela, Eli viu as primeiras casas.

- Todas amarelas também - murmurou Eli, um pouco desanimado.

E como estava bem próximo do muro que separava o amarelo do azul, por cima deste viu que do outro lado havia casas que seriam exatamente iguais àquelas se não fossem azuis. Aqui é muito diferente do meu mundo, pensou Eli.



Logo Eli viu caminharem em sua direção alguns habitantes daquele lugar. Todos vestiam roupas e tinham todo o corpo pintado de amarelo.

Eli não se conteve, e antes mesmo de se apresentar, perguntou a um deles, que já estava bem na sua frente e a observava atentamente:

- Senhor, porque tudo aqui é amarelo?

O senhor amarelo ficou um pouco perdido diante daquela pergunta... parecia não saber o que responder. Mas logo em seguida disse para Eli:

- Ora menino, tudo aqui é amarelo porque não é azul, nem verde e nem roxo. Claro que tudo aqui é amarelo porque essa é a cor mais bonita de todas.

Um pouco desapontado com a resposta, Eli insistiu:

- Mas porque só amarelo? E porque estes muros dividindo tudo?



Aquele senhor todo vestido de amarelo, que parecia um pouco confuso ou sem entender muito bem o sentido daquelas perguntas, disse então para Eli.

- Bem, nem sempre foi assim. Antes, este mundo era todo colorido. Todas as cores se misturavam e estavam por todos os lados. E, claro, não existia muros dividindo tudo. Há muito tempo, no entanto, para acabar com as discussões entre quem gostava mais de uma cor ou não gostava de outra, decidimos que esta era a melhor solução. Quem gosta da cor amarela fica na parte amarela. E quem gosta de verde na verde. E assim por diante. E como ainda sim havia muitas discussões sobre qual a cor mais bonita, decidimos construir esses muros. Assim, quem gosta de azul, por exemplo, que fique do lado azul e não passe para cá.

Eli insistiu mais uma vez:

- Mas tudo aqui é muito igual. Não sentem falta das outras cores ou das pessoas com as quais não podem mais conversar?

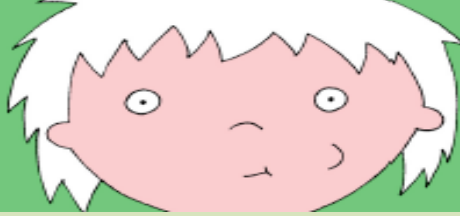
O senhor então pareceu perder a paciência com as perguntas de Eli:

- Se você não gosta de amarelo, não pode ficar aqui. Fora daqui!! - Esbravejou.

Eli pensou ainda dizer que gostava muito do amarelo. Tanto como de todas as outras cores. Mas não ia adiantar. Como as outras pessoas pintadas de amarelo também pareciam não estar nada contentes com sua presença ali, Eli resolveu sair bem rápido daquele lugar.

Mas quando estava se preparando para pular o muro mais próximo e chegar à parte azul, Eli pensou bem e disse para si mesmo:

- Na parte azul ou em qualquer outra vai ser a mesma coisa. Melhor mesmo é seguir rápido por cima deste muro até o próximo mundo. E foi o que Eli fez. Correndo e se equilibrando em cima do muro, rapidamente Eli chegou ao ponto onde poderia saltar para o próximo mundo... e saltou para ele.



Eli tinha chegado agora ao último mundo pelo qual precisaria passar antes de chegar finalmente ao seu. O sol estava se pondo e Eli estava cansado. Mas se seu plano continuasse a dar certo chegaria a sua aldeia em pouco tempo. Eli ainda achava que talvez pudesse encontrar um mundo onde todos fossem como ele. Mas tendo descoberto tantos novos lugares sem encontrar, até aquele momento, um no qual se sentisse bem e feliz, não estava muito otimista com relação a isso.

Talvez se eu desistir de voltar para casa e for descobrir novos mundos bem longe daqui... mas a saudade de casa é tão grande, pensou ele.

Aquele mundo onde estava agora era lindo. Havia ali flores, árvores e um grande lago. Parecia um lugar perfeito para se viver. Mas também parecia ser um lugar totalmente desabitado. E era. Bem, pensou Eli, neste ponto, parecia que as lendas de sua terra não tinham acertado muito bem. Mas se Eli estava ali. Agora aquele mundo tinha um habitante, nem que fosse somente por algum tempo.

Eli, que não comia nada desde a noite anterior e estava com muita fome, avistou, bem perto de onde estava, uma enorme árvore com frutos que pareciam deliciosos. Eli não conhecia aquela árvore e jamais tinha experimentado aqueles frutos. Mas como uma Arara Listrada, tinha aprendido muito bem a diferença entre um bom fruto para comer e aqueles que não serviam como alimento. Eli caminhou então até a árvore e se esticando na ponta dos pés, apanhou o maior e mais maduro entre todos.

- Que sabor incrível! - disse alto, depois da primeira mordida - Este certamente deve ser um bom lugar para viver... mas já estou tão perto de casa.

Sabia que se andasse depressa, ainda naquela noite poderia estar em casa. Mas aquele mundo era tão lindo e tranquilo. Havia comida e água. O que mais ele poderia precisar? Eli não seria diferente ali. Poderia ser ele mesmo e somente ele mesmo. Nem uma Arara Listrada e nem uma Coruja Verde. Somente Eli.

Eli decidiu dormir ali aquela noite. Deixaria qualquer decisão para a manhã seguinte.



Mas o sono não veio tão rápido como Eli gostaria. A saudade de sua família e de sua aldeia só aumentava. E seus pais deviam estar muito preocupados. Não havia ninguém ali para conversar, brincar ou abraçar. Eli se sentia mais sozinho do que jamais havia se sentido. Nem no momento em que descobriu que não era exatamente como as outras Araras Listradas ou como as Corujas Verdes Eli tinha se sentido tão triste.

Deitado na grama, esperando o sono chegar, Eli pensou sobre sua aventura e todos os mundos que tinha descoberto até ali.

A lenda que cantavam sempre em sua aldeia estava certa, refletiu Eli. No fundo, os mundos não são tão diferentes assim. Na verdade, são muito parecidos. Em todos eles, inclusive no meu, as pessoas são muito diferentes. Nem naquele primeiro mundo onde cai as pessoas eram iguais. Todas eram diferentes. Cada uma de um jeito. O que mudava era como elas lidavam com isso.

No primeiro mundo todos se vestiam do mesmo jeito e faziam tudo sempre igual. E não aceitavam nada que fosse diferente deles. Talvez por isso nem pássaros havia ali. Deviam achar que eles também eram monstros.

- Que mundo chato era esse!! Disse Eli em voz alta.

No segundo, continuou Eli a refletir, as pessoas não tentavam nem queriam ser iguais em nada. Cada uma fazia sempre o que queria, do jeito que queria. Mas não se importavam com os outros. Tanto que não se entendiam ou percebiam a presença um do outro. No terceiro era ainda mais complicado. Tudo tinha sido dividido. As pessoas que gostavam de amarelo ficavam no pedaço amarelo, as que gostavam de outras cores, nas outras faixas de terra. E são somente cores, todas lindas. Viveram tanto assim, que nem conseguem mais perceber a beleza que existe nas outras cores e em como é legal conviver com pessoas que gostam de coisas diferentes das que gostamos. E nesse quarto mundo, tão bonito, eu não sou diferente de ninguém, mas também não sou nem parecida com alguém. Estou sozinha aqui.



Assim que o sol nasceu Eli acordou. Mas diferente do havia acontecido na manhã anterior, quando, no princípio, não se lembrava de nada que havia acontecido, Eli lembrava com nitidez de tudo que havia pensado naquela noite. E tinha uma certeza. Queria voltar para casa. Para sua família e para seus amigos. Para junto das pessoas que amava e que o amavam. Eli não se sentia mais diferente dos outros em seu mundo. Sabia que era tão diferente das outras pessoas como era igual. Era parte do seu mundo. Como todos em sua aldeia e nas incontáveis aldeias que formavam, na verdade, um único e imenso mundo Como dizia a canção que Eli conhecia tão bem.

Eli se levantou apressado e então correu ainda mais rápido que na noite anterior, quando estava fugindo daquilo que o tinha deixado triste. Estava correndo agora para ser feliz. Sem ser diferente nem igual. Sendo igual e diferente. Como todo mundo. Sendo Eli, descobridor de mundos.

Este livro fala de sentimentos, descobertas e aventuras. E também de semelhanças e diferenças, de encontros e desencontros. Sexto lançamento da coleção Cidadania para Crianças “O Descobridor de Mundos” é especialmente dedicado às crianças intersexuais e suas famílias.

